

Palavras que contam histórias: interseções entre língua e história no ensino fundamental

Bruna Maciel Borba ¹
Djonatan Avila Pedroso ²
Eduardo de Lima Sperb ³
Gabriel Rodrigues dos Santos ⁴
Eulernara Charão Dorneles Arce ⁵

RESUMO

Este relato de experiência propõe uma reflexão sobre o ensino da língua para além da norma gramatical, levando em consideração o estudo da origem das palavras como estratégia de resgate histórico-cultural e de ressignificação do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, parte-se do entendimento de que a língua portuguesa, em sua pluralidade e historicidade, não pode ser reduzida apenas ao seu aspecto normativo-gramatical. O projeto foi desenvolvido por bolsistas dos cursos de Letras, História e Matemática da FACCAT, vinculados ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em parceria com a Escola Municipal Getúlio Vargas uma escola pública da rede municipal de Taquara (RS), com turmas dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, durante as aulas de Língua Portuguesa. A proposta pedagógica integrou elementos da História e da Linguística, considerando as raízes culturais e sociais da formação do povo brasileiro, e teve como objetivo geral aproximar os conhecimentos de Língua Portuguesa e História a partir do estudo etimológico de palavras oriundas das línguas indígenas, africanas e europeias. A proposta favoreceu o enriquecimento do currículo escolar com práticas pedagógicas mais lúdicas e interdisciplinares, promovendo uma aprendizagem dialógica, crítica e situada. Além disso, o projeto contribuiu para a valorização das identidades dos estudantes e de suas vivências, estabelecendo um espaço de trocas significativas entre discentes e licenciandos. Como embasamento teórico, foram mobilizados autores como Bagno (2009, 2017), Labov (2008), Faraco (2008), Antunes (2009), Silva (2011) e Lobato (2021), que defendem uma abordagem sociolinguística, plural, contextualizada e inclusiva do ensino da língua portuguesa. Os resultados evidenciam que a articulação entre linguagem, história e identidade potencializa o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais previstas na BNCC, ao mesmo tempo em que amplia o engajamento dos estudantes com os conhecimentos escolares e suas próprias trajetórias formativas.

Palavras-chave: Etimologia, Variação linguística, Identidade, PIBID.

13 Graduada do Curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara - Faccat, brunamacielborba@sou.faccat.br;

2 Graduando pelo Curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara - Faccat, djodjoavila@sou.faccat.br;

3 Graduando do Curso de Matemática das Faculdades Integradas de Taquara - Faccat, eduardosperb@sou.faccat.br;

4 Graduando pelo Curso de História das Faculdades Integradas de Taquara - Faccat, gabrielrodriguesst18@sou.faccat.br;

5 Professora orientadora: licenciatura plena em matemática, Centro Universitário da Região da Campanha-URCAMP, eulernara.arce@edu.taquara.rs.gov.br.





INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem como objetivo expor experiências realizadas por pibidianos do programa de iniciação à docência- PIBID. Nesse estudo partimos do pressuposto de que a língua é plural, viva, que está em constante mudança e quem a constrói é o sujeito falante. O projeto foi realizado por bolsistas das Faculdades Integradas de Taquara, através do subprojeto PIBID Interdisciplinar, nas turmas de 8º e 9º do ensino fundamental, em aulas de língua portuguesa em uma escola pública do município de Taquara- RS; como resgate histórico usou-se a historicidade das palavras que compõem nosso português contemporâneo, problematizando assim a gramática normativa e sua forma de estudo no contexto escolar. A pesquisa usufruiu de saberes dos cursos de licenciatura em História e Letras. Propôs-se uma abordagem interdisciplinar do conhecimento, integrando saberes das áreas da linguística e da história.

O planejamento das atividades foi desenvolvido de forma coletiva por cinco bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) — dois cursando Letras, um cursando História e um cursando Matemática —, que realizaram encontros destinados à definição dos objetivos e preparação das aulas. Inspirados em relatos anteriores que destacam a importância das reuniões interdisciplinares para o planejamento de atividades (Santos et al., 2012), os bolsistas buscaram construir uma proposta que articula aspectos linguísticos e históricos, aproximando o conteúdo do cotidiano discente.

Para a realização da pesquisa, antes de entrar em sala de aula, problematizamos palavras oriundas das línguas indígenas, africanas e europeias e a forma como elas são usadas em nosso meio sem saber sua real historicidade, prevalecendo sempre o vocábulo europeu e contribuindo para o apagamento sistemático das culturas primárias. A partir desse problema de pesquisa, planejou-se a melhor forma de contextualizar o ensino da língua portuguesa e sua pertinência em relação ao campo dos estudos históricos. Na aplicação, realizou-se uma abordagem expositiva-dialogada de ensino. No primeiro momento, os bolsistas realizaram uma aula expositiva onde dialogaram diretamente com os estudantes. Palavras como: amor, água, casa, escola, janela (latim); abacaxi, cipó, jaguar, mandioca, piranha (tupi-guarani); moleque, fubá, xingar, cachaça e quilombo (africana); foram colocadas na lousa da sala de aula.

Após essa exposição das palavras, contextualizou-se sua origem, logo os educandos foram iniciados na pesquisa. Após a exposição dos vocábulos, os discentes foram divididos em trios/quartetos. Cada grupo recebeu um conjunto baralhado de palavras, e tinham como





objetivo procurar seus significados nos dicionários tradicionais da escola. Como referencial teórico buscou-se articular teorias da área da linguística e da história. Na concepção de Negrão (2012) a língua é rica em suas variações e dialetos, logo sua origem está na comunicação, no ato de falar, entretanto é necessário um conhecimento substancial da história para que possamos compreender seus empréstimos linguísticos, e acima de tudo entender de onde viemos.

Como resultados obtivemos um engajamento mais significativo no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. A partir do estudo da língua, através de uma ótica histórica, conseguiram ver-se nesse processo histórico de formação linguística e obtiveram compreensão de que são formadores de sua língua mãe. Para além disso, constatou-se lacunas teóricas nos dicionários de língua portuguesa em relação aos vocábulos de origem indígena e africana. Em síntese, estudos da língua portuguesa em congruência com a história da língua evidenciam a construção de um processo de conhecimento mais crítico e engajado dos discentes com o mundo ao seu redor. Assim, conclui-se que a língua não pode estar dissociada de sua historicidade. Portanto, o estudo da norma culta não deve ser estudado como algo isolado e padronizado, mas sim como uma ciência viva, que tem como matéria prima seus falantes.

METODOLOGIA

A atividade foi aplicada em duas turmas (8º e 9º anos) da Escola Municipal Getúlio Vargas de Taquara/RS, em julho de 2025. O desenvolvimento ocorreu em três etapas: apresentação teórica, pesquisa orientada e socialização dos resultados.

O projeto foi aplicado em duas turmas (8º e 9º anos) da Escola Municipal Getúlio Vargas de Taquara/RS, em julho de 2025. O início das aulas foi dedicado às apresentações dos bolsistas e a uma explanação sobre a formação da língua portuguesa, das suas raízes latinas às influências indígenas e afro-brasileiras, conforme o material preparado. Nesse momento, os bolsistas de Letras explicaram as questões linguísticas, enquanto os bolsistas de História e Matemática, estabeleceram conexões com eventos históricos e com o dia a dia dos estudantes.

A atividade prática consistiu na pesquisa e posterior elaboração de cartazes pelos grupos de estudantes. A mobilização ocorreu com a apresentação do tema e do material de apoio. Em seguida, na discussão, orientamos os grupos a escolher palavras de origem latina, indígena ou





africana e pesquisar seus significados nos dicionários. A ação foi a confecção dos cartazes, em que os discentes puderam explorar criatividade e organização; por fim, a síntese ocorreu com a socialização dos resultados, permitindo aos estudantes relacionarem os novos conceitos aos conhecimentos prévios.

REFERENCIAL TEÓRICO

Língua e História: um diálogo possível

Nossa língua é rica em variações e dialetos, isso deve-se ao fato de que estudos mais recentes da linguística demonstram que tais tendências estão relacionadas ao processo de colonização das Américas, Ásia e África, durante a expansão mercantilista europeia. As línguas que emergiram desse processo diferem das línguas europeias, pois permitem-nos visões mais abrangentes de nossa língua falada contemporaneamente. Como enfatiza Abreu (1907/1998), o Brasil colonial foi construído por meio de intensos encontros culturais e territoriais, desde as capitanias hereditárias até o povoamento do sertão, e essas dinâmicas históricas são fundamentais para compreender por que a língua falada no país carrega marcas de mestiçagem, adaptação e troca. Embora esse processo de colonização tenha sido doloroso, sangrento e desumano, ele contribuiu para a formação de nossa língua portuguesa falada atualmente (Negrão, 2012).

Nesse sentido, Fiorin (2011) lembra que compreender a língua portuguesa implica reconhecê-la como um organismo vivo, em constante transformação. Nesse sentido, compreendemos que a história da língua é feita de misturas e interações sociais, por hibridismos e mestiçagens que rompem com a ideia de uma “pureza” linguística. Assim, o português falado hoje é resultado de séculos de encontros e convivências culturais, refletindo as mudanças sociais e históricas do país.

A origem de toda e qualquer comunicação está nos falantes de cada língua, pois são eles que a moldam, diversificam, e a constroem; adaptando-se às suas necessidades de fala para expressar suas ideias e atos do dizer. Cada sujeito falante está inserido dentro de uma determinada comunidade e cultura, logo a partir de suas necessidades linguísticas irá empreender em sua comunicação formas de falar e de se expressar, resultando assim em configurações diversas de comunicar a língua portuguesa (Negrão, 2012).





Seguindo essa perspectiva, Lobato (2006) observa que o português falado no Brasil foi sendo moldado em meio a uma intensa troca entre diferentes povos e culturas. Durante os séculos XVI a XVIII, grande parte da população aprendeu o português como segunda língua, gerando um idioma que, embora preserve suas raízes europeias, incorpora influências indígenas e africanas, formando uma identidade linguística singular e plural no território brasileiro.

Para que possamos analisar esses aspectos linguísticos partindo de uma perspectiva micro para uma macro, torna-se necessário um conhecimento substancial da história, porém não apenas da história das falas e das comunidades na qual os sujeitos falantes estão inseridos, mas sim do próprio indivíduo como agente inserido e transformador dessa história. Schwarcz (1994) salienta que o imaginário da “nação mestiça” e os discursos científicos sobre raça e miscigenação formaram parte integrante da formação cultural brasileira — o que reforça a ideia de que a língua portuguesa no Brasil é intrinsecamente historiada, plural e signo de identidades múltiplas. Empréstimos linguísticos de culturas indígenas, africanas e europeias são de suma importância para entender esse cosmo dialético que usamos diariamente; seja na academia, em rodas de amigos, no trabalho, entre outras esferas sociais. Ainda seguindo a linha teórica de Negrão:

Dentro dessa visão contemporânea de história como mudança, valiosas investidas têm sido feitas pela Linguística brasileira em busca do conhecimento da história do português brasileiro: algumas enfatizam as semelhanças com o português europeu; outras enfatizam as diferenças, buscando uma identidade própria para o nosso português; outras salientam empréstimos lexicais feitos a partir de línguas indígenas e africanas; outras ainda discutem possíveis interferências das línguas com que o português teve contato na formação da morfologia do português brasileiro (2012, P. 313).

Complementando essa análise, Aragão (2011) aponta que o vocabulário do português do Brasil foi profundamente enriquecido com termos e expressões das línguas africanas, especialmente aqueles ligados à religiosidade, culinárias e culturais. Essa presença revela que língua, sociedade e cultura são inseparáveis, influenciando-se e transformando-se mutuamente. Dessa forma, o português brasileiro não apenas incorporou palavras, mas também assimilou novas visões de mundo e modos de significar a realidade.

Diante desse contexto, podemos observar que nossa língua está permeada por outros idiomas, formando uma identidade contextualizada para os sujeitos falantes. Para que isso ocorra, é necessário compreender os processos históricos de construção de um idioma que está em constante (re)construção. O português contemporaneamente nunca foi um idioma “puro” houve uma composição de vários idiomas desde os tempos em que o Brasil era colônia





de Portugal e com o tráfico de pessoas escravizadas, desde tais eventos históricos nossa língua já estava sendo construída.

Não se tratava de um português único, mas de uma multiplicidade de dialetos portugueses; não se tratava de um português “puro”, mas de um português que já carregava marcas do contato com uma variedade de línguas africanas e com as línguas de outros europeus que participavam da expansão mercantilista. Uma vez em território brasileiro, as relações entre os europeus e as diversas populações indígenas que viviam na costa brasileira certamente devem ter causado o surgimento de um sistema de comunicação funcional que permitisse a interação entre eles. (Negrão, 2021, p. 323).

Sobre esse processo, Lobato (2006) ressalta ainda que a influência conjunta de línguas ameríndias e africanas teve papel essencial para a formação de uma variedade linguística própria, distinta do português europeu. Essa convivência, marcada por trocas e adaptações, contribuiu para a diversidade estrutural do português brasileiro e consolidou uma identidade linguística plural e profundamente enraizada na realidade histórica e social do país. Visto isso, podemos afirmar que o território brasileiro iniciou com um modelo de ocupação e comércio, tendo contatos linguísticos entre portugueses, europeus e indígenas. Tais contatos, embora muitas vezes violentos e exploratórios, diversificaram e moldaram os rumos de nossa linguagem para o que conhecemos hoje dia a dia.

Como lembra Fiorin (2011), a língua acompanha o movimento da sociedade, transformando-se junto com ela. Essa compreensão sustenta a abordagem adotada neste estudo, que entende o ensino da língua portuguesa como um espaço de diálogo entre história, cultura e identidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação evidenciou diferenças marcantes entre as turmas. O 8º ano dedicou mais tempo ao aspecto estético dos cartazes, já que estava desenvolvendo trabalhos semelhantes em outro componente curricular; isso demandou prorrogar a atividade para a semana seguinte. O 9º ano focou em concluir os cartazes na mesma aula, mas a qualidade estética ficou aquém.

Além disso, alguns estudantes perceberam que muitas palavras de origem afro-brasileira ou indígena não estão presentes nos dicionários advindos de epistemologias europeias. Esse fato confirma o que Caldas (2024) afirma, há resistência institucional em legitimar as contribuições afro-brasileiras, o que gera preconceito contra variantes populares do português. Assim, a surpresa dos estudantes ao perceberem que vários vocábulos não estavam registrados ilustra o quanto a norma padrão ignora realidades linguísticas vivas.





Vale ressaltar que a docente titular das turmas decidiu utilizar o material como instrumento avaliativo, o que motivou os discentes a finalizar os cartazes e a preparar uma breve apresentação na semana seguinte. Dessa forma, não apenas os bolsistas sentiram que a atividade desenvolvida era relevante, mas também os discentes puderam se sentir valorizados no seu desenvolvimento.

Na semana seguinte, com o apoio da orientadora, auxiliamos os estudantes na finalização dos materiais enquanto a professora titular se atrasou por questões de saúde. Observamos que os estudantes ensaiavam suas falas, dividiam as partes e tiravam dúvidas com os bolsistas, sinais de ansiedade e engajamento. Durante as apresentações, constatamos que todos os estudantes falaram sobre, pelo menos, uma das palavras pesquisadas. Dessa forma, a prática permitiu aos discentes visualizarem a pluralidade da língua portuguesa ao escolher palavras de origens diferentes para os cartazes, mostrando que o léxico brasileiro inclui contribuições indígenas e africanas (Negrão, 2012).

Após as apresentações, dedicamos um momento para agradecer a participação da turma e organizar a sala. As apresentações serviram como síntese da aprendizagem, dando aos estudantes a oportunidade de relacionar os novos conceitos aos conhecimentos anteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o português do Brasil deve ser compreendido como um ser em contínua evolução, onde cada palavra carrega as marcas de sua história, das interações culturais e das adaptações sociais. Essa visão encontra respaldo em Negrão (2012), que destaca a centralidade do falante na formação da língua, e em Fiorin (2011), que sublinha a natureza mutável do idioma, influenciado por fusões e interações. Portanto, ao utilizar o português brasileiro, estamos engajados em um processo histórico ativo: cada termo e locução guarda vestígios de culturas que se conectaram ao longo do tempo, evidenciando a profunda relação entre linguagem e sociedade. Reconhecer essa trajetória, que inclui raízes latinas, indígenas ou africanas, não só valoriza a riqueza do idioma, mas também enfatiza o papel ativo de cada pessoa na sua diversificação.

Essa percepção foi fortalecida por abordagens pedagógicas, como a implementada pelo PIBID, que conectaram História e Linguística de forma prática. As atividades permitiram aos estudantes reconhecerem que a língua cotidiana é fruto de uma profunda troca cultural e que eles próprios são participantes ativos na continuidade desse processo histórico. Além disso,





como indicam Aragão (2011) e estudos sociolinguísticos, a inclusão de vocábulos de origem africana e indígena vai além do léxico, refletindo maneiras de pensar e significar o mundo que moldam uma identidade linguística única e diversificada.

Assim, a experiência reforça a necessidade de que o aprendizado do idioma seja um espaço que promova a pluralidade, a memória coletiva e a criatividade dos sujeitos. Ao unir teoria e prática e ao enxergar o estudante como agente de saber, fica claro que o idioma serve tanto como meio de comunicação quanto como registro histórico de manifestação cultural. Em suma, a exploração do português brasileiro é uma oportunidade para entender sua trajetória e pluralidade, solidificando um ensino que valoriza a dimensão social e a identidade da língua, reconhecendo o poder transformador de cada falante. Em corolário, ressalta-se que este estudo não esgota as possibilidades de análise sobre a temática, abrindo espaço para novas investigações e abordagens futuras.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500-1800)**. Brasília: Senado Federal, Biblioteca Básica Brasileira, 1998. (Obra originalmente publicada em 1907). Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1022/201089.pdf> . Acesso em: 19 out. 2025.

ARAGÃO, Maria Helena de Moura Neves. **Variação linguística e identidade cultural no português do Brasil**. São Paulo: Cortez, 2011.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2011.

LOBATO, Lúcia. **História social da língua portuguesa no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

LOBATO, Lúcia. **Diversidade e identidade linguística no português contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. **A história do português brasileiro: entre a norma e a variação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012





SANTANA, José C. de; MENDES, Simone C. A variação linguística e o ensino de língua portuguesa. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 1093–1114, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28619/22539>. Acesso em: 18 out. 2025.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo da miscigenação: o pensamento racial no Brasil no final do século XIX**. São Paulo: Estudos Avançados, v. 8, n. 20, p. 137-152, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/i/1994.v8n20/> . Acesso em: 19 out. 2025.

